UnB – Universidade de Brasília
IDA – Instituto de Artes
Vis – Departamento de Artes Visuais

ISSN 2238-0272

O Artista Quanto Esboço

Autor: Ludimila Carvalho de Sousa

Resumo

O presente estudo traz reflexões acerca da faculdade artística de expressão, divagando sobre qualidades do papel do artista e seus desdobramentos principalmente na estrutura e dinâmica social, levando em conta ainda o que concerne a construção da identidade artística, numa perspectiva tanto geral, quanto particular.

Abstract

The present study reflects on the artistic faculty of expression, rambling on qualities of the artist's role and its unfolding mainly in the structure and social dynamics, taking into account still what concerns the construction of the artistic identity, from a general as well as particular perspective.

Palavras-chave: artista, identidade, autopoiese.

ISSN 2238-0272

Introdução

Considerando que o aprimoramento das noções humanas se dá ante a fruição da experiência da vida, o indivíduo naturalmente parte de um ponto relativamente primário no sentido de sua própria razão e consciência.
Portanto, no presente quanto agente de uma mutabilidade constante, o homem transita entre as fases de construção da própria identidade, e, por mais desenrolados que estejam os conceitos que permeiam a humanidade, todo e qualquer ser humano necessita após biologicamente nascer, de tempo e experiência para se desenvolver, assimilando gradativamente novos conteúdos.
Na atual conjuntura, em que tem-se uma avalanche de possibilidades de acesso à tecnologias, por exemplo, está, tanto o homem, quanto o ambiente, de modo cada vez mais fugaz, em constante mudança e construção. Assim nenhuma identidade é fixa ou imóvel, como aliás sugere Stuart Hall (2005), sendo as certezas também inconstantes. O artista em construção está permanentemente se produzindo e se regulando conforme o tempo e o espaço.

O artista

O papel já estabelecido de artista no decorrer da história apresenta variados arquétipos. Considerando-se padrões referenciais da idade média, renascença, iluminismo, romantismo, modernismo, até a atualidade, aparecerão perfis dedicados à adoração do divino, posteriormente voltados à intelectualidade e ao humanismo, até perfis tendendo para a ruptura com os 'contratos sociais' vigentes.

Dessa forma então é que, destrinchando um pouco mais esta abordagem, o artista, a medida que se reconhece como parte de um universo, ou a própria natureza, passa a exercer um julgamento sobre si, onde questiona as qualidades de sua relação com o que o cerca. Sendo que o trânsito entre percepções variadas que foram e são constituídas remete, então, a inúmeras adoções comportamentais.

Relativo a isso tem-se, por exemplo, o surgimento, a certa altura, de um homem que se depara consigo quanto miserável, como um não controlador da realidade, mas um controlado e absorvido por ela (Arnold Hauser, 1982, p.586), e, que pela insatisfação sobre seu tempo e o mundo, lança-se ao sonho e à fantasia, os quais projeta como idealismo. Estas características acabam por referir-se ao pensamento romântico que aparece entre o fim do século XVIII e decorrer do século XIX, dando vazão a novos olhares sobre a vida, e certamente influenciando as artes desde então, levando-se em conta que ainda nos dias atuais acaba sendo legítimo, mesmo na rebelião contra as manobras da indústria cultural, um posicionamento artístico análogo ao que se presenciou há mais de dois séculos atrás.

O quadro descrito, aponta um caráter subversivo aos modelos em vigor no que concerne à participação social do artista, e parece adequado também ao que se pode observar entre vários desdobramentos do modernismo, bem como no que diz respeito a arte da modernidade em pleno século XXI, tendo em vista que, diferentemente dos produtos elaborados para as massas populares no intuito de nutrir sua apatia e alienação, a arte muitas vezes procura a superação desta dinâmica, inclusive sendo responsável por contestá-la. A pop-art, por exemplo, expressivamente centrava sua atividade no sentido de satirizar a sociedade de consumo e a era da reprodutibilidade técnica.

Não a toa à medida que torna-se mais politizada e questionadora, principalmente das dinâmicas industriais de produção e consumo, proporcionalmente se dão casos de inviabilização ou repressão à liberdade e ao direito de expressão, o que se pode conferir em inúmeros episódios no decorrer da história por todo o mundo, inclusive na atualidade, o que desloca algumas linhas de atuação da arte para um lugar marginal.

Sob dadas perspectivas, parcela do espaço formal para a manifestação artística parece alcançar cada vez mais próximo a obsolescência, quando submetido a referen-

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

ciais tidos como clássicos e conservadores e, porque não, castradores, cite-se alguns termos como galeria, curadoria e até mesmo a academia. afinal, qual a necessidade de restringir-se a arte a estereótipos? Isso ressoa como corresponder a modismos e tendências reservadas de circuitos que reproduzem também a lógica industrial. A exemplo do que Marcel Duchamp propôs conceitualmente em obras como *A fonte*, que refere-se ao polêmico urinol enviado a um salão de arte, a desconstrução é um recurso poético, e infringir as regras e romper com dados padrões e paradigmas é, sem mais ou menos, dar vida ao pensamento estético que independentemente existe no âmbito da arte. Portanto, os contextos em que a arte se aloja variam não só de acordo com a essência de seus teores em decorrência de um interesse intrínseco do artista frente à realidade, mas de acordo também com os espaços legitimados para sua efetivação.

No caso de Banksy, que mantém no anonimato sua identidade civil e sustenta uma *marca* com suas obras carregadas de narrativas sob a síntese de suas construções imagéticas, percebe-se que a realidade contemporânea do lugar ideal ou adequado para a expressão artística, pura e simplesmente em progressão geométrica, é a liberdade. A arte não está necessariamente ligada a subsistência ou mercado, como aparentemente terá sido em dados momentos históricos, e é muito possível à obra ser feliz sem necessariamente frequentar galerias ou ser avaliada em muitas cifras.

A pluralidade de linguagens possíveis e a estética no universo da arte parecem inesgotáveis e crescentes. A medida que novas tecnologias surgem menor se mostra a real necessidade de determinismos sobre, por exemplo, gênero da obra. Uma pintura pode compor uma instalação, que ao mesmo tempo pode permear o sitio da arte-tecnologia e concomitantemente o da literatura na apresentação, meramente, de um retrato. O artista, então, gradativamente torna-se um articulador de ferramentas possíveis de emprego na efetivação de um projeto artístico, até porque reconhece-se ainda que é o homem seu criador.

Autopoiese

Pessoalmente, trazendo o foco da discussão para esta artista que discorre, o processo criativo artístico inicialmente se ampara na espontaneidade, sobre a qual o limite racional para as possibilidades não se apresenta. A própria concepção do objeto ou expressão quanto arte, de fato não é tida como uma preocupação imanente ao fazer. A questão é que as matérias-primas evocavam manejo, onde ocorria a expressão como projeção de um estado íntimo.

Reconhecer esse caráter despretensioso sobre a própria arte, por vezes resgata um sentido romântico do ser artista, onde desprender-se dos rigores formais é possível, e assim dar vazão às fantasias e desejos, quase como devaneios anárquicos, e nisso deparar-se com a natureza, por mais fútil que possa parecer. Pragmaticamente foi partido do íntimo relacionado com o alheio mais diverso que se deu qualquer criação, fosse na forma de versos, imagens, sons, objetos, ou outras.

O sentimento é um estado de espírito frente à realidade; sendo individual, é a única ligação possível entre o individuo e a natureza, o particular e o universal; assim sendo o sentimento o que há de mais natural no homem, não existe sentimento que não seja sentimento da natureza. (ARGAN, 1993, p.33)

Conforme o explanado acima, serão apresentadas algumas imagens de produções artísticas, as quais datam dos anos 2006 e 2007 e representam resultados de processos criativos, diga-se, precoces ou primários.

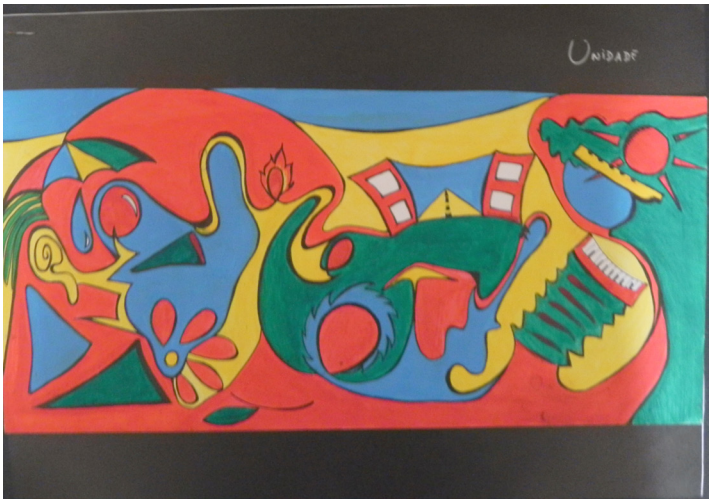
VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

Imagem 1 – Acrílica sobre papel

Fonte: Elaborada pelo autor

Imagem 2 – Guache sobre papel



Fonte: Elaborada pelo autor

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

Imagem 3 – Capa para disco musical; Assemblage

Fonte: Elaborada pelo autor

Imagem 4 – Capas para disco musical; Assemblage

Fonte: Elaborada pelo autor

Definir linguagem, estipular gênero, especificar técnicas. Tais ações, que sequer passavam com seus rigores pela consciência, livraram-se de ser necessidades e deram espaço à concepção de peculiaridades estéticas a partir da assunção da própria natureza do labor artístico e daquilo em que resultava, quanto obra, objeto, arcabouço de ideias.

A então opção pela liberdade na expressão, naturalmente permitiu a manifestação da associação de linguagens e técnicas, dando vazão a uma espécie de 'gênio da loucura', devido ao fato de inexistir qualquer cobrança e obrigatoriedade por correspondências a modelos ajustados a qualquer forma ou ideia pré-concebida ou doutrinada, sobre o fazer artístico. O hibridismo e o experimentalismo, portanto, tornam-se uma ideal plataforma para a criação e desenvolvimento das obras artísticas.

Sob um olhar que vai se apurando, posteriormente, pode-se apontar entre algumas obras, a performance intitulada *Preto no Branco* realizada em Brasília em 2011, a qual indica uma discussão sobre o lugar em acesso que se revela processualmente, esboçando qualidades essenciais, provavelmente para além da obra, também do artista, tendo em vista a proposição de uma exposição e possibilidade de contato mais direto com aspectos intrínsecos ao momento da criação. Isto por meio da contemplação do intervalo entre o início e a conclusão de uma obra, que é justamente durante seu de-

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

senvolvimento, sua feitura. Assim, o relacionamento com a obra é parte da obra como resultado, e a obra é também a dinâmica como um todo independentemente do formato final, interessando a experiência ocorrida.

Figura 5 – Registro de performance intitulada *Preto no Branco*; Esta obra foi executada ao ar livre, registrada e concluída com a participação do público. Além do som inerente ao ambiente, compunha a paisagem sonora registros em áudio oriundos de estudos musicais e literários da artista.

ISSN 2238-0272

ISSN 2238-0272

Fonte: Elaborada pelo autor

A produção artística, portanto, parece assumir gradativamente espaço entre discussões metalinguísticas. Como o objeto da arte aparece, como se configura, o que seu discurso revela, tudo que converge para suas qualidades, características e estética passa a percorrer o pensamento crítico que invade a então natureza. Percebe-se que os aspectos que podem ser considerados numa obra se associam e criam uma simbiose que extrapola seu nível material. Poeticamente a obra configura um discurso que pode se relacionar ao consciente e ao que sequer se pode controlar, portanto o caos é também uma possibilidade inerente, e cada vez mais a precisão sobre os argumentos que revelariam os sentidos de ser da obra se fundem ao de liberdade e desapego.

De certo modo parece estar presente um quê de subversão num modelo que reconhece o desapego à necessidade de se justificar a ação em torno da arte, até mesmo porque tal abandono reflete a consideração de inclinações filosóficas embutidas nos padrões de pensamento tidos sobre o que de fato se está a fazer neste âmbito, reconhecendo-se, então, uma noção de que o exercício do controle sobre a dinâmica da comunicação humana gradativamente se revela um fracasso, e por isso talvez, com a arte, se tenha procurado contentamento em dizer coisas que necessariamente não precisam ou pretendem, nem mudarão o curso da história humana, mas apenas seguirão suas trajetórias naturais da mesma forma como surgiram por meio do instrumento que se acaba sendo quanto artista. A responsabilidade da voz que ecoa da obra exposta reverbera para além da concepção individual do artista.

No autorretrato, figura 6, vê-se embutido um teor existencialista, tocando no lugar do palhaço por meio do vir ou não a sê-lo. O palhaço é um perdedor nato, assumido e não coitado, um ridículo além de meramente ridículo por ser consciente de sua miserável condição, e esta noção, ante as motivações para a realização do díptico, traça paralelo com o pensamento sobre o papel do artista socialmente.

Figura 6 - autorretrato

Fonte: Elaborada pelo autor

O apelo ao sarcasmo, às vezes aparente entre as obras, é a certo modo um subterfúgio em direção à despretensão de se colocar no papel arrogante de detentor de qualquer verdade. O palhaço é, portanto, uma das personas desta identidade modular do artista, com ele existe identificação, e nessa perspectiva se legitima ainda mais a volubilidade da arte e seu discurso.

ISSN 2238-0272

Essencialmente, a produção pessoal à qual se faz referência aqui, apresenta muitos aspectos metalinguísticos e autobiográficos, por expressiva e gradativamente revelar-se quanto projeção desta identidade em constante construção. As obras de arte discorrem tanto subliminar como objetivamente sobre o universo íntimo do artista, seu corpo e conteúdo, quanto realidade e também uma natural matéria prima.

A manutenção de certo desprendimento, possibilita e gera uma atitude plural, produtiva e híbrida no campo da arte. Ante tal liberdade torna-se possível permear contextos da informalidade e formalidade na discussão conceitual de atitudes artísticas, revelando assim a própria estética sobre uma plataforma maleável, não rígida, por ser bastante permissiva com a natureza, e também científica. Tem-se o espelho de uma dialética que aponta um lugar permanente da arte que foge de definições contundentes, e que nesse possível paradoxo revela a instabilidade e a incerteza, mas também a ousadia, ao sugerir e acatar a possibilidade de rupturas. Aqui está mergulhado o entendimento na impossibilidade de controle e limitação da percepção e do universo possível para a adequação da arte.

Um exemplo de atuação artística que se relaciona ao questionamento sobre o espaço físico e contextual para alocar a arte e seu diálogo com o público, foi o trabalho intitulado *Figura Abstrata*, onde, pelo caráter informal do espaço físico, um bar/café de alta circulação de pessoas, foram expostas algumas pinturas e feitas incisões a carvão nas paredes como pichações, podendo chegar-se à questão sobre ser ou não aquilo uma exposição de arte, considerando ser a apropriação de um ambiente fora dos padrões conservadores de galeria. Ainda no tocante a tal produção, o diálogo com a arte urbana se dá, permeando também a questão de acessibilidade da arte para além dos ambientes tradicionais. Um apontamento acerca dos ideais no universo da arte que independe, de certa forma, da substância visual das pinturas, e coloca-se mais centrado na discussão sobre o conceito que a ampara em torno da atitude.

Figura 7 - Figura Abstrata

Fonte: Elaborada pelo autor

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

A contracultura acaba por se destacar gradativamente nesta identidade artística que reverbera temporalmente. A discussão central de muitas ações e produções aqui, apresentam narrativas críticas sobre a hegemonia de dados entendimentos em torno do ambiente ideal para a arte.

Neste sentido, mais uma obra se destaca no processo auto-poiético, a intitulada Primavera.

Esta foi uma produção independente, concebida a partir da articulação de ferramentas digitais relativamente atuais e técnicas clássicas. O conjunto da obra é representado por um álbum musical contendo 11 faixas entre canções e texturas sonoras compostas e captadas numa corrente primavera em Brasília, e um videoclipe elaborado sob a técnica stop-motion a partir de autorretratos em fotografia. Esta composição artística engloba expressões em diversas linguagens, resultando, portando, num corpo híbrido que a representa.

Para acentuar o caráter contracultural deste trabalho, e também seu teor romântico, os exemplares do disco *'Primavera'* foram produzidos à mão, onde são empregadas técnicas da gravura como xilo e stencil para obter uma tiragem, sendo cada peça numerada a lápis e exclusiva em sua combinação de cores.

Com relação ao videoclipe, um ponto de destaque é o fato de toda a execução estar concentrada nas mãos da artista, em oposição a modelos de produção industriais que são referenciais no meio fonográfico.

O aspecto romântico desta obra mostra-se para além dos signos primaveris com os quais se trabalhou, por exemplo na escrita das poesias, na construção de imagens e na estética sonora elaborada, também por ela carregar em seu conceito questões que ultrapassam abordagens temáticas objetivas e que ampliam-se para um pensamento relacionado a economia, tecnologia, e filosofia da arte na contemporaneidade.

Figura 8 – Primavera; Produção conceitual híbrida

Fonte: Elaborada pelo autor

Permanecendo naturalmente neste sentido em que se consolida a própria identidade artística, onde cada obra assume sua autonomia quanto objeto de arte em si mesma, mas ao mesmo tempo compõe o campo plural da expressão que identifica o artista como tal, é que foi realizada, no ano de 2013, a exposição individual intitulada *Entretudo*, uma montagem qualificada como instalação multimeios na qual empregaram-se recursos inerentes a pintura, escultura, arte-tecnologia e performance, a fim de enfatizar o caráter qualitativo da experiência artística em seu aspecto multidirecional, ou seja, a arte e sua constante dinâmica no que concerne ao diálogo possível perante sua liberdade de manifestar-se.

Organizada pela própria artista, a montagem traz o poema de sua autoria intitulado '*Entretudo*' como texto de curadoria:

Tudo é uma coisa que não existe
Tudo não tem fim
Nada tem fim
É nada

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

Tudo é uma coisa só
Sem mais nada
Contudo

Figura 9 – Entretudo – Exposição individual

Fonte: Elaborada pelo autor

Fayga Ostrower (1998), trata o processo de percepção como uma sucessão de sínteses que gradativamente geram novas sínteses, ou seja, diferentes componentes integrados e recombinados em distintas maneiras apresentam totalidades que se configuram de formas ímpares. Dando destaque a tal referência, assim também possivelmente percebe-se a identidade de um artista, a cada obra-item quanto substância fundamental deste lugar em que é assumida esta qualidade de vida, por natureza, dinâmica.

Conclusão

Parece o pulso da arte estar atrelado ao prazer, à catarse e hedonismo, mesmo que repleto de ira, inconformismos, críticas sociais, indagações existencialistas, ou mesmo superficialidade.
Afinal, o que de fato corresponde ao que está o artista a cumprir socialmente?
A arte passou a concorrer com os status profissionais de um sistema bastante categórico e essencialmente capitalista, então seguindo seu curso mutante.

Explanar com mais proximidade à realidade sobre o que pode vir a ser o papel artístico de um indivíduo, talvez só se torne possível após finalizar-se toda a obra no decorrer de uma vida, atrelado ainda às passagens históricas de seu tempo. Desta forma, provavelmente, o artista apenas possa reconhecer a própria substância que o define como tal diante de sua morte.

Bibliografia

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

ARGAN, G. C. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

HALL, S. *A Identidade Cultural da Pós Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. 2005.

HAUSER, A. *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo: M. Jou. 1982.
OSTROWER, F. *A Sensibilidade do Intelecto.* Rio de Janeiro: Campus. 1998.